

A VIDA CONTINUA

Autoritário, arrogante, sedutor, ético e hábil. É exatamente assim, contraditório, o sentimento da classe operária em relação ao presidente da República. Estudo feito pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap) revela que sindicalistas acusam Fernando Henrique de desqualificar os adversários, mas o apontam como um presidente competente, um dos melhores das últimas décadas.

A pesquisa do Diap trará, em junho, quando for divulgada, outras revelações interessantes. Em quase 40 páginas de dados e análises, dizem os entrevistados que Fernando Henrique tem mais verniz, sabe se relacionar com os partidos e não deixa que acertos políticos se caracterizem pelo fisiologismo.

Mas, a mão que afaga, apedreja. Os trabalhadores acusam o presidente de excluir a sociedade organizada dos debates sobre os grandes temas nacionais e de ser extremamente autoritário no trato com opositores ou críticos. E dão uma razão para isso: nunca, em anos recentes, o governo teve um Congresso tão dócil e favorável às propostas oficiais.

O Diap representa entidades distribuídas com equilíbrio por todo o país — geográfica e ideologicamente. Seus estudos têm servido de parâmetro para o próprio governo. Um de seus usuários é o secretário-geral da Presidência da República, Eduardo Graeff. Ele manda buscar, com frequência, perfis parlamentares e pesquisas promovidas pelo Diap.

Num dos momentos mais difíceis de sua vida, chocado com a perda, em dois dias, de dois grandes amigos e confidentes, Fernando Henrique ficará feliz em saber que anda em alta entre os sindicados.



Fernando Henrique: para os operários, arrogante e sedutor

listas. Eles distinguem o cidadão do presidente: dizem que nada desabona sua conduta, tem excelente formação intelectual, é comunicador nato, e tem boa aceitação no exterior.

A pesquisa pode trazer ânimo ao abalado estado de espírito de Fernando Henrique. Como aos políticos é vedada a manifestação

pública da dor, o presidente já chorou a morte seu companheiro de 30 anos e do líder que ele tinha como filho. O ano é eleitoral e Fernando Henrique é candidato à reeleição. “Sem eles tudo vai ficar muito mais difícil”, disse o presidente ao seu líder no Congresso, José Roberto Arruda. Disso ninguém duvida.

É claro que ninguém, no governo, irá se refazer tão cedo do choque de perder os dois melhores articuladores políticos de Fernando Henrique Cardoso. Muito menos o presidente. Mas, não se pode sucumbir à saudade. O trabalho é a melhor terapia. No domingo, quando voltar de sua fazenda em Buritis, onde tenta se recompor, o presidente retomará a difícil tarefa de governar sem Motta, nem Luís Eduardo. Tem problemas sérios pela frente. Desemprego, reforma agrária, greves, taxas de juros, a reforma da Previdência, as eleições nos estados e sua própria reeleição. A vida é assim. É preciso cuidar de quem ficou.

Histórias 1

Uma semana antes da morte de Sérgio Motta, o líder Luís Eduardo Magalhães pegou uma carona num jatinho da FAB com o ministro Eliseu Padilha e o líder do PMDB, Geddel Vieira Lima, que vinham de Brumado, na Bahia, para Brasília. No caminho, levou um sabão quando acendeu um cigarro no outro. Padilha e Geddel fizeram um comício contra o tabaco e lembraram as frequentes crises pulmonares sofridas pelo amigo Sérgio Motta. Luís Eduardo sorriu, sem jeito.

Histórias 2

Luís Eduardo Magalhães foi o primeiro nome defendido pelo PSDB para compor a chapa de Fernando Henrique Cardoso, em 1994. Há poucos meses, tucanos voltaram a falar no seu nome para a reeleição. Mas o pai, Antonio Carlos Magalhães, não o queria como vice, mas titular na campanha de 2002.